

**1º Lugar**

**Pseudônimo: CLARA**

## **ODALISCAS**

**Ana Cristina Fernandes Morais Cavalcanti**

**FACULDADE DE LETRAS**

Da janela não vinha nenhum movimento. No ar parado a quietude extrema do céu que não se vê. É inútil buscar a brisa no ôco macilento de dentro dos prédios.

Mas era sempre uma janela. As vezes ele se debruçava no peitoril e ficava horas procurando ver lá embaixo alguma coisa que se movesse. Falava-se em ratos enormes do tamanho de gatos, baratas negras e reluzentes, lentas no andar e no mover as antenas. Imaginava uma invasão de ratos e baratas subindo em marcha, cobrindo as paredes, negros, cinzas, inundando as janelas, lá embaixo um esgoto imenso, água viva se materializando em centenas, milhões de ratos e baratas, enormes, transbordando num negro cinza sem fim.

Quando dormia, sonhava com odaliscas semi-nuas envoltas em véus, rodopiando em seu quarto, saltando da janela, coloridas, os seios redondos, quadris macios feitos de ondas, roçando seu rosto, dançando em suas pernas e braços, caminhando pelas paredes. E seus olhos se multiplicavam penetrando cada uma delas, ávidos, secos, balançando entre os seios e pernas das bailarinas. Acordava úmido, acendia todas as luzes e matava todas as baratas que encontrasse.

Com o tempo especializara-se nisto, ficava horas observando seus movimentos, o giro das antenas, trinta segundos de imobilidade se fizesse algum barulho, depois o mover lento

de uma antena após a outra, o andar apressado ganhando espaço aos poucos, a busca dos cantos, buracos e quinas. Sabia se uma barata era mais rápida pela cor, tamanho e espessura das pernas; aprendera a conhecer se era nova ou velha e os vários tipos de sua espécie, ainda que todas parecessem iguais. Podia reconhecê-las no escuro onde estivessem. Criara instrumentos especialmente para matá-las em qualquer lugar, eram seu orgulho, nunca falhavam. Às vezes cansava-se de usar os instrumentos e passava a caçá-las.

Apanhava a barata, espetava-a com um alfinete e arrancava-lhe as pernas, lentamente com uma pinça, uma a uma, gostava de ver as outras pernas se movendo no ar, inúteis, negras. Pra isso procurava as baratas maiores, ficava olhando seus olhos vítreos, imóveis, enquanto puxava cada perna. Aí restavam as antenas, rodando de um lado para o outro, gostava de baratas sem pernas, só com as antenas balançando. Mas guardava para o final o melhor e o mais difícil: tirar as asas. São finas, papel de seda que se quebra tão fácil, era preciso muita arte e delicadeza. Nenhum outro homem conseguiria tirar as asas de uma barata sem quebrá-las. Mas ele sabia e lá estava ela, inerte, nua e branca. Despida de si mesma, restavam apenas os olhos imensos no corpo branco. Era preciso furá-los.

Quando furava os olhos de uma barata sentia um calafrio, as mãos úmidas, um calor subindo no rosto. As pernas trêmulas, espetava devagar, a agulha penetrando a carne amarela e negra, deslizando até tocar a mesa. Esperava o líquido viscoso escorrer. Os olhos continuavam a olhá-lo, opacos e secos. Espetava de novo, uma, duas, dez vezes, as baratas têm muitos olhos, centenas de olhos olhando, olhando, não se fecham nunca, milhares de olhos espalhados pelo mundo nos cantos, tetos, paredes. Os olhos fixos, ele furava e espetava, a agulha atravessando a carne amarela negra, com força e mais força, a agulha ficando na mesa, queria atravessar a madeira, as paredes, vazar os olhos, os milhares de olhos, ver o líquido jorrar inundando as ruas, prédios e cidades. O mundo submerso no líquido escorrendo das carnes amarelas e negras. Mas os olhos se desfaziam

em pedacinhos, olhos que se multiplicavam no milagre da morte. Derrotado, os olhos opacos, o vazio se instalando em suas mãos, pernas e ventre, adormecia ali, a cabeça recostada entre pernas e olhos de barata. Quando acordava, guardava as pernas, as asas e os pedaços dos olhos numa caixinha junto a outro tanto de pernas, asas e pedaços de olhos de baratas. Havia pernas e asas de várias formas e tamanhos. Era pena que ninguém se interessasse em ver, tão fascinante ficar olhando, a luz incidindo, era só virar a caixa e do reflexo da luz nas asas brilhantes surgiam tonalidades douradas. O sol entre montanhas e nuvens. Mas isso fora há muito tempo, ou ele tinha visto num filme? Não se lembrava mais.

Esperou o elevador e entrou. Apertou todos os botões e subiu devagar. Gostava de ver a cidade do último andar, os prédios desbotados contra o céu cinzento e escuro. Não sabia onde estava o sol, sobre sua cabeça uma massa compacta, neutra. Esquecera-se das estrelas, Três Marias, Cruzeiro do Sul, Marte, onde estavam? Impossível vê-las, só existiam nos livros e fotografias. Em algum lugar elas estavam, pontos vagos, apagados, retidos na memória. Não importava, de qualquer modo ninguém viveria o suficiente para vê-las novamente.

Voltou para o apartamento. Abriu a porta, acendeu a luz e lá estava ela debruçada na janela olhando para baixo. A princípio ficou petrificado, os olhos se dilatando, uma pressão na cabeça, quis se aproximar mas não conseguia, as pernas paralisadas. Ela se virou de uma só vez, impassível, a perna dobrada encostada na parede. Desesperado, deu um passo. Ela se virou de costas e caminhou pela sala indo até a porta. Apagou a luz. Movimentou-se ao seu redor, não conseguia ouvir nada, as batidas do coração estourando em seus ouvidos. Permaneceu inerte, seus olhos só viam as paredes cinzentas de dentro dos prédios. Um calafrio subiu por seus braços, deslizando até a nuca, a pele arrepiada. Só ouvia agora sua própria respiração. Foi despido devagar, as mãos agora úmidas, um calor subindo no rosto, as pernas trêmulas, os braços inertes estendidos ao longo do corpo. Os olhos fixos, a mente se desfazendo estéril,

inútil, nenhum pensamento ou lembrança, em seus olhos a parede cinzenta dos prédios, enchendo sua boca, resvalando por sua memória, branca vazia, e ele via, queria fechar os olhos mas não conseguia, estavam ali, diante dos seus, imensos, negros, não opacos, mas brilhantes, nunca vira olhos assim, não estavam fixos, moviam-se em todas as direções, penetrando-lhe a carne, a mente, o cérebro, queria se esconder, mover as pernas e braços, não os tinha mais, continuava inerte, desfeito em sua nudez, os olhos dilatados se aproximando dos seus, a parede cinzenta agora negra, os olhos se prolongando em dois estiletos brilhantes. Os olhos, era preciso furá-los. Os estiletos se aproximaram mais penetrando carne macia, devagar. Resvalou pelo chão.

Odaliscas dançavam sobre ele, os véus roçando-lhe o rosto, ventre e pernas. Seus olhos se multiplicavam ávidos, ganhando espaço, o sol entre montanhas e nuvens.

Da janela não vinha nenhum movimento. No ar parado a quietude extrema do céu que não se vê. É inútil buscar a brisa no ôco macilento de dentro dos prédios.

Mas era sempre uma janela. Às vezes ele se debruçava no peitoril e ficava horas procurando ver lá embaixo alguma coisa que se movesse.